



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
8ª COORDENADORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO
SANTA MARIA – RS

COLÉGIO ESTADUAL MANOEL RIBAS

Rua José do Patrocínio, 85 – CEP 97050-150 – Fone: 0xx.55.3222.0433
E-mail: colegiomaneco@gmail.com e ssemaneco@gmail.com



ÁREA: LINGUAGENS

Disciplina: Língua Portuguesa

Professoras: Carine da Silva Lorensi, Evelise Bolzan e Sabrina Gerhardt Bomfim Lopes

Série: 3º - TODOS

Turmas: 3A, 3B, 3C, 3D, 3E, 3F, 3G

Nome do aluno(a): **Turma:**

CRÔNICA

Construção do conceito de crônica:

- Narração em primeira pessoa;
- Texto curto e uso de linguagem simples;
- Refere-se a fatos do cotidiano;
- Induz o leitor a se divertir, se emocionar ou a refletir a respeito do texto;
- Geralmente são publicadas em jornais;
- Tende a aproximar o leitor da visão que o narrador coloca no texto.

A Última Crônica

Fernando Sabino

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão.

Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu queria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês.

O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho - um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular. A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: "Parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura - ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido - vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu quereria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

1. Atividades referentes ao texto:

a) - Que texto é esse?

- b) - Vocês modificariam alguma coisa?
- c) - Em uma primeira leitura, do que se trata esta crônica?

2. Os sentidos do texto:

O comportamento da família revela alguma de suas características:

- a) O que é possível saber sobre a posição social dessas pessoas?
- b) Como essa informação aparece no texto? Transcreva um trecho da crônica que comprove sua resposta.
- c) O pai e a mãe são apresentados de forma contida. O que isso revela sobre o que eles poderiam estar sentindo naquele momento?
- d) A crônica recorre várias vezes ao diminutivo para se referir à menina ou a objetos que a cercam. Que significados têm esses diminutivos no texto?

3. Ao observar mais atentamente a cena, o narrador prepara o leitor para os acontecimentos que virão a seguir, Releia:

“Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.”

- a) Que efeito essa antecipação produz no leitor?
- b) A citação do verso de Manoel Bandeira também oferece indícios sobre o tipo de acontecimento que será narrado. Que indícios são esses?

4. Contexto de produção:

Releia o primeiro parágrafo da crônica.

- a) O cronista expõe as dificuldades para encontrar um assunto sobre o qual escrever. Que finalidade tem, provavelmente, a inclusão dessa informação no texto?
- b) Ao apontar as possíveis matérias para seus textos, o cronista apresenta também uma definição do gênero. Qual é ela?